Transição energética: sermos mais verdes sairá mais caro?

O custo da energia é um dos **desafios da economia**. Conheça as propostas políticas para o sector E16

Debate A descarbonização implicará nos próximos anos investimentos avultados. Mas o custo da inação pode ser bem mais alto, não só para o planeta mas também para as nossas faturas

Sermos mais verdes sai mais caro?



MIGUEL PRADO

A Europa vive há meses um período de turbulência que atirou os preços da energia para níveis recorde. Entre fornecedores falidos e clientes industriais num aperto por causa da fatura energética, o balanço está ainda por fazer. Os elevados preços atuais refletem o disparo no custo do gás natural. Mas será que sermos mais verdes irá sair-nos mais caro? Coralie Laurencin, diretora da consultora IHS Markit e especialista em mercados de energia, admite que a transição energética tem um custo. "Olhando em frente, mesmo com a capacidade renovável a aumentar, a Europa continuará dependente do gás natural para garantir segurança de abastecimento. A intermitência renovável faz parte do pacote. Haverá anos de subida e de descida", diz ao Expresso.

"A transição energética requer alterações maciças nas tecnologias que usamos no quotidiano. Haverá um custo e não é surpreendente que uma das questões-chave para os legisladores europeus no pacote "Fit for 55" seja quanto vai custar", acrescenta Coralie Laurencin. A mesma especialista frisa que a eletricidade será o principal vetor para descarbonizar o consumo de energia. Os países estão a esforçar-se "para que o custo da eletricidade aumente o mínimo possível, mas vai aumentar", vaticina a responsável da IHS Markit.

Mas a forma como a transição energética será implementada nos próximos anos será distinta de país para país. Portugal está bem posicionado. É o quinto país da União Europeia com maior incorporação de renováveis no consumo final de energia (34% em 2020) e tem um pacote ambicioso de investimentos, sobretudo em energia solar e hidrogénio verde. E qual seria o custo de não o fazer?

"Pagaremos sempre mais quanto menos renováveis tivermos", aponta Artur Trindade, que foi secretário de Estado da Energia entre 2012 e 2015. "E quem agir fora de tempo vai pagar mais porque estará sujeito aos custos dos combustíveis fósseis e do CO_2 (dióxido de carbono)", refere o antigo governante ao Expresso.

Em Portugal, os últimos 15 anos foram marcados por uma forte aposta nas renováveis. O país pagou um preço para incentivar esses investimentos, garantindo às eólicas e fotovoltaicas remunerações fixas que até 2020 representaram sempre um sobrecusto face ao preço da eletricidade no mercado grossista. Mas se essa capacidade renovável não existisse, o sistema elétrico teria de recorrer muito mais a recursos como o carvão e o gás e o preço grossista a cada ano seria mais alto. "No atual contexto de elevados preços de combustíveis fósseis, em particular de gás, um sistema que estivesse mais dependente de carvão e gás seria impactado de modo ainda mais crítico, levando a uma subida mais acentuada dos preços grossistas", observa Ana Paula Marques, administradora do grupo EDP.

Luís Mira Amaral, antigo ministro da Indústria e Energia, considera que Portugal "assumiu voluntariosamente as políticas da União Europeia de promoção e subsidiação das renováveis intermitentes em fase muito inicial", com "efeitos negativos na competitividade e no crescimento económico". "Os consumidores portugueses já pagaram mais de €22 mil milhões de sobrecustos (subsídios) devidos à produção de eletricidade por fontes renováveis intermitentes (quase quatro anos do custo total da eletricidade para o consumidor final)", nota Mira Amaral. "A energia tem sido uma grande desvantagem competitiva para a economia e para as empresas portuguesas", lamenta.

Mas Ana Paula Marques salienta que "o recente contexto da subida dos preços da eletricidade nos mercados europeus da energia só vem provar que as renováveis fazem parte da solução e não são o problema". A gestora da EDP lembra a redução da dependência energética do exterior e das importações de combustíveis. "A competitividade em Portugal só tem a ganhar com a expansão das energias renováveis", defende.

Mira Amaral considera que nas renováveis "haverá de uma forma geral mais riscos do que oportunidades". Mas faz uma ressalva para o tema dos carros elétricos. "Portugal tem as maiores reservas de lítio da Europa", nota. "A exploração do lítio no nosso país dá-nos um argumento decisivo para a construção dessa cadeia de valor", sublinha.

O ano da viragem

Em 2021, pela primeira vez, os produtores de eletricidade com remuneração garantida em Portugal (na sua maior parte energia eólica) geraram ao sistema elétrico um ganho face ao custo da eletricidade transacionada no mercado grossista, fortemente penalizado pelos preços recorde do gás natural. Esse disparo no custo do gás está a trazer dissabores a algumas indústrias com consumos intensivos. E a continuar assim o hidrogénio verde poderá tornar-se uma alternativa competitiva bem mais cedo do que se esperava.

"PAGAREMOS SEMPRE MAIS QUANTO MENOS RENOVÁVEIS TIVERMOS", AVISA ARTUR TRINDADE, ANTIGO SECRETÁRIO DE ESTADO DA ENERGIA

"A substituição pelo hidrogénio poderá ser vantajosa na medida em que os preços do hidrogénio produzido venham a ser competitivos com os do gás natural", admite Mira Amaral.

Na produção de eletricidade, como mostram as projeções da consultora Lazard, investir hoje numa central solar ou num parque eólico é viável com preços de venda da energia bem mais baixos que os necessários para viabilizar uma central a gás, a carvão ou nuclear. Mas transformar esses custos mais baixos das fontes limpas em eletricidade de facto mais barata para o cliente final depende do desenho do mercado.

"Uma coisa é afirmar que o custo de produção das renováveis é hoje mais barato — sim, isso é verdade —, outra coisa é dizer que o preço que os consumidores pagam por essa energia fica mais barato — o que não é verdade quando essa energia é remunerada pelo funcionamento do mecanismo marginalista", alerta Paulo Preto dos Santos, vice-coordenador da comissão de energia da Ordem dos Engenheiros. Esse mecanismo dita que toda a eletricidade produzida a uma dada hora será remunerada pelo preço cobrado pela central mais cara que entrou no casamento entre oferta e procura. E por isso não só uma barragem (que não tem custos com gás nem licenças de carbono) pode vender a sua eletricidade ao preço de uma central de ciclo combinado, como outros produtores que operam com remuneração de mercado (sem tarifas fixas garantidas) podem fazer o mesmo.

Coralie Laurencin observa que "é evidente que as renováveis são mais atrativas". "Contudo, gerir um sistema elétrico não tem a ver apenas com o custo. Tem a ver com garantir eletricidade fiável a todas as horas para todos os consumidores. Na IHS Markit vemos o foco a migrar do custo para o valor: que central gera mais valor para a rede? Isso significa que se tornará cada vez mais importante a questão de quando a energia é gerada e em que ponto da rede", explica. Isso ajuda a perceber o entusiasmo que o sector energético tem tido com o negócio das baterias de larga escala, que permitirão armazenar parte da energia para a disponibilizar à rede quando for mais necessária: essa flexibilidade será mais uma fonte de receita, e pode diminuir a dependência da rede elétrica das centrais a gás.

Eletricidade: custos controlados

Apesar das críticas ao sobrecusto das renováveis incorporado nas suas tarifas garantidas, nos últimos cinco anos o preço da eletricidade para clientes industriais em Portugal revelou uma razoável estabilidade e o custo para as famílias teve até uma redução. O custo do gás para a indústria também recuou. Olhar para a energia como desafio para a economia implicará também olhar para os mercados com os quais concorremos. Os dados do Eurostat mostram que no primeiro semestre de 2021 Portugal tinha eletricidade e gás mais baratos que a média europeia. No que respeita aos consumos industriais, a Alemanha, um dos principais destinos das nossas exportações, apresentava preços médios de eletricidade e gás acima dos portugueses; Espanha e França revelavam maior competitividade na eletricidade, mas tinham gás mais caro.

Artur Trindade considera que "ter um mix energético com mais renováveis traz mais vantagens do que desvantagens", e admite que "a perspetiva de evolução dos preços de Portugal quando comparado com outros países é de maior estabilidade", graças a um conjunto de mecanismos de estabilização (incluindo uma elevada proporção de eletricidade com remuneração garantida). Foi isso que salvou grande parte das famílias de aumentos acentuados nas tarifas de eletricidade nos últimos meses, ao contrário do que aconteceu noutros países.

O professor universitário Pedro Oliveira, da Nova SBE e da Copenhagen Business School, defendia num artigo de opinião publicado esta semana no "Jornal de Negócios" que "é possível crescer 'verde', ou seja, aumentar o PIB [Produto Interno Bruto] e simultaneamente reduzir as emissões de CO_2, como já acontece num conjunto de países". "Entre 2005 e 2019, o PIB dos EUA e Irlanda cresceu 27% e 89%, enquanto as emissões caíram 14% e 52%, respetivamente", escreveu. Por cá, os dados da Direção-Geral de Energia e Geologia (DGEG) indicam que nos últimos anos Portugal tem conseguido diminuir a intensidade energética da economia.

Paulo Preto dos Santos admite que as políticas de descarbonização "teoricamente apresentariam mais oportunidades com a criação de mais emprego nos novos sectores ligados à geração de energia de fontes renováveis e às infraestruturas de distribuição de gases renováveis para a mobilidade verde". Mas sublinha que "parte do crescimento da inflação que já se está a sentir" resulta de fatores como "o avanço muito acelerado no crescimento dos impostos aplicados às energias fósseis e dos preços das licenças de emissão de CO_2".

Na próxima década serão vários os desafios no plano energético. Além da progressiva expansão da capacidade renovável, a eletrificação de parte da mobilidade (com a substituição de carros com motores de combustão por veículos elétricos) implicará investir em redes mais robustas. A transição está em marcha.

mprado@expresso.impresa.pt

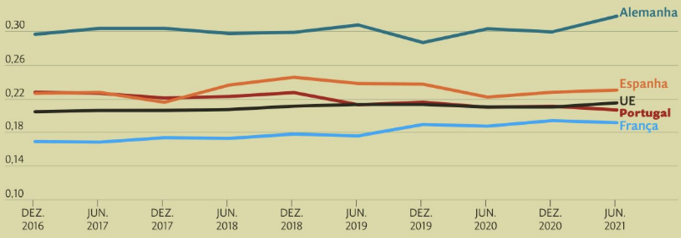
DESAFIOS DA ECONOMIA
Este é o quinto de seis artigos de uma série dedicada aos desafios da economia portuguesa. Depois do crescimento, das pensões, dos salários, da eficiência do Estado e, agora, da transição energética, virá, na próxima semana, o último artigo, sobre o tema da desigualdade.

Eletricidade e gás
Abaixo da média da UE

Portugal passou a ter, num passado recente, **preços de eletricidade e gás abaixo da média da União Europeia**, segundo dados do Eurostat. Mas a evolução dos futuros do gás e das licenças de CO_2 promete trazer um 2022 difícil a toda a Europa

CUSTO DA ELETRICIDADE PARA AS FAMÍLIAS

Preços médios em € por kWh, incluindo impostos, para consumos entre 2500 e 5000 kWh por ano

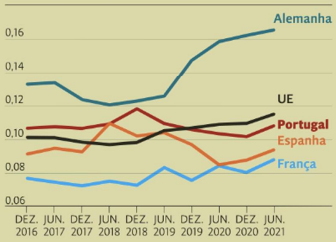


FONTE: EUROSTAT

DESCIDA Nos últimos cinco anos, o custo médio de cada kilowatt hora (kWh) de eletricidade para uma família portuguesa sofreu uma ligeira descida, ao contrário do que sucedeu na União Europeia. O nosso sistema elétrico, muito assente em preços fixos e regulados, tem funcionado como um amortecedor às variações do custo grossista da energia. E os cortes nas rendas da energia ajudaram.

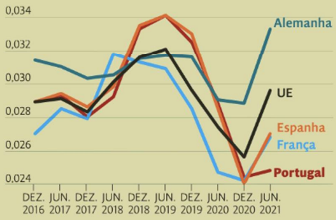
CUSTO DA ELETRICIDADE PARA CLIENTES INDUSTRIAIS

Preços médios em € por kWh, incluindo impostos, para consumos entre 20 e 70 GWh por ano



CUSTO DO GÁS NATURAL PARA CLIENTES INDUSTRIAIS

Preços médios em € por kWh, incluindo impostos, para consumos entre 100 mil e 1 milhão de gigajoules por ano



FONTE: EUROSTAT

COMPETITIVIDADE No que respeita aos preços médios da eletricidade e do gás natural para a indústria, Portugal compara bem com o resto da Europa. Contudo, na eletricidade mantém preços mais caros do que Espanha e França, dois dos principais destinos das nossas exportações. No gás, os clientes industriais portugueses tinham, em meados de 2021, preços mais baixos.

PREÇOS FUTUROS DO GÁS NATURAL (CONTRATOS TTF)

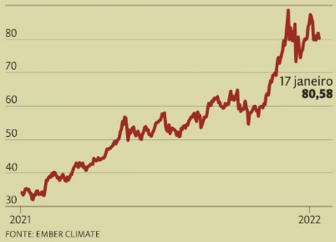
Preço por MWH/dólares



FONTE: INVESTING.COM

CUSTO DAS LICENÇAS DE EMISSÃO DE CO2 NO ÚLTIMO ANO

Preço por tonelada de CO2 em €

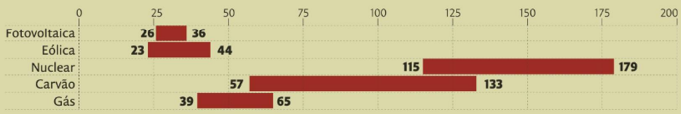


FONTE: EMBER CLIMATE

AMEAÇA Os preços internacionais do gás natural sofreram uma escalada para níveis recorde a partir de meados de 2021. E isso aconteceu em paralelo com outra escalada, no custo das licenças de carbono. Dois elementos críticos para a produção de eletricidade em centrais de ciclo combinado, que ameaçam manter boa parte da Europa com preços elevados durante largos meses.

CUSTO NIVELADO DA PRODUÇÃO DE ELETRICIDADE

Preços estimados por MWh em €



Nota: o custo nivelado, ou LCOE ("Levelized Cost of Energy"), é uma estimativa de qual o intervalo de preços a que a eletricidade terá de ser vendida por cada tecnologia para, no ciclo de vida de cada central, o investimento ser recuperado"

FONTE: LAZARD, OUTUBRO 2021

PROJETOS Construir hoje uma nova central solar ou eólica implica, para recuperar o investimento, preços de venda da eletricidade bem mais baixos do que os requeridos para uma central nuclear ou a carvão. Os dados da Lazard, de outubro, mostravam as centrais de ciclo combinado a gás com menor desvantagem comparativa, mas entretanto a cotação internacional da matéria-prima disparou.

Nuclear e gás
Os elefantes na sala?

A Europa tem vivido um debate aceso sobre o que é classificável como energia limpa. A transição está longe do consenso

A descarbonização dos consumos de energia pela Europa fora será uma longa estrada, mas para já a perspetiva é de um percurso acidentado, com muitos mercados pressionados por elevados preços do gás, e dificuldade em abandonar a energia nuclear, quando os velhos reatores ainda proporcionam eletricidade a preços competitivos em vários países. No debate sobre a transição energética, a energia nuclear e o gás natural tornaram-se os elefantes na sala: impopulares junto de boa parte da população, mas estratégicos para as redes elétricas atuais.

A Comissão Europeia, na sua proposta de uma nova taxonomia energética, quer classificar a energia nuclear e o gás como fontes limpas, elegíveis para assegurar a transição para a neutralidade carbónica até 2050, embora no caso do gás obrigando a que a partir de 2035 seja oriundo de fontes renováveis. "A Comissão considera que há um papel para o gás natural e nuclear como meios para facilitar a transição para um futuro predominantemente de base renovável", apontou Bruxelas, quando anunciou, há duas semanas, ter pedido a um grupo de peritos que analisasse o assunto.

Portugal prevê atingir 80% de eletricidade renovável até 2030, uma meta que o Partido Socialista (PS), no seu programa eleitoral, quer antecipar para 2026. Mas abandonar por completo a geração de eletricidade a partir do gás será uma missão espinhosa, já que as centrais de ciclo combinado (alimentadas a gás natural) são, juntamente com as barragens, a garantia de resposta do sistema elétrico quando faltam recursos renováveis (quando não há vento ou sol, por exemplo).

Peça central de vários mercados europeus, a energia nuclear é hoje uma miragem em Portugal, que no seu planeamento energético nas últimas décadas assumiu como potência firme para a segurança da rede elétrica as centrais a gás (expostas a preços que o país não controla) e as hídricas (sujeitas ao risco dos anos mais secos). O CDS é o único dos partidos com assento parlamentar a trazer o tema para as legislativas, ao propor "reabrir o debate sobre a produção em Portugal de energia nuclear".

Nos programas eleitorais, de resto, são vários os partidos que privilegiam que a transição energética se faça por via de maior descentralização da produção, apostando em mais painéis solares para autoconsumo, como Bloco de Esquerda (BE), Livre, PS, PAN e Iniciativa Liberal. E como a energia mais barata é aquela que não se consome, também a eficiência energética é apontada como prioridade por vários dos partidos. É o caso do BE, que quer disponibilizar

Nos programas eleitorais dos principais partidos apenas o CDS defende reabrir o debate sobre a produção de energia nuclear em Portugal

€150 milhões por ano para pagar medidas de eficiência e conforto térmico para famílias com rendimentos mensais inferiores a €2 mil. Mas também do PS, quer canalizar €610 milhões do Plano de Recuperação e Resiliência para a redução de consumos. E ainda do PSD, cuja medida "Bairros + Sustentáveis" visa levar a eficiência energética aos bairros mais pobres. Também a Iniciativa Liberal propõe uma nova dedução fiscal de despesas com medidas de eficiência energética nas habitações.

No horizonte da próxima legislatura Portugal terá seguramente mais capacidade solar em operação. Mas nem por isso poderá ignorar um dos elefantes na sala de Bruxelas: continuaremos a precisar do gás natural. M.P.

PROPOSTAS DOS PARTIDOS

Bloco de Esquerda
- 500 MW de painéis solares no Estado
- €1300 milhões para financiar autoconsumo comunitário
- Moratória à expansão da biomassa
- Limitar biocombustíveis
- €150 milhões por ano para o conforto térmico das famílias e €30 milhões para baixar fatura elétrica no inverno
- IVA de 6% na eletricidade e gás
- Recuperar ativos da REN (por €50 milhões) e "desprivatizar" EDP e Galp

CDS
- Descer o custo da energia
- Reabrir debate sobre a energia nuclear

Chega
- Rendimentos das energias alternativas a quem vive em zonas rurais
- Limitar impostos sobre combustíveis no espaço rural

Iniciativa Liberal
- Deduzir no IMI gastos com eficiência energética
- Facilitar transações de energia entre consumidores
- Acelerar a mobilidade elétrica

Livre
- Neutralidade carbónica dos serviços públicos até 2030
- Eletricidade 100% renovável até 2030
- IVA reduzido nos painéis solares
- IVA a 6% na energia
- Abandono das botijas de gás

PAN
- Desclassificar biomassa como recurso renovável
- Incentivar autoconsumo
- Impedir exploração de hidrocarbonetos
- Apostar na energia geotérmica
- Fim dos veículos com motores de combustão em 2030

PCP
- IVA a 6% para eletricidade e gás
- Acabar com dupla tributação nos combustíveis
- Uso racional de biomassa e redução dos preços da energia
- Recuperar controlo público da EDP, Galp e REN

PS
- Roteiros regionais para a neutralidade carbónica
- Leilões de hidrogénio
- Estratégia para o biometano
- Vantagem fiscal para carros elétricos e a hidrogénio
- Eletricidade 80% renovável em 2026

PSD
- Planos municipais de descarbonização
- Bairros + Sustentáveis
- IVA reduzido para equipamentos eficientes
- Relançar o "Água Quente Solar"
- Anular dívida tarifária elétrica
- Biometano: remuneração regulada
- Plano para a Biomassa Florestal